

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

EDUCATIONAL TECHNOLOGIES AND THE INCLUSION OF STUDENTS WITH ASD IN THE EDUCATIONAL ENVIRONMENT

TECNOLOGÍAS EDUCATIVAS E INCLUSIÓN DE ALUMNOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN EL ENTORNO EDUCATIVO

Silvana Maria Aparecida Viana Santos¹, Ana Carolina Siqueira Costa Veríssimo², Jones Pereira de Oliveira³, Julimara Galvani Garcia Boning⁴, Maria Luzia Costa Fernandes⁵, Maria Aparecida Cunha Schanuel⁶, Monique Leandro da Silva⁷, Patric Devyd Gomes Vieira⁸, Simone Xavier Ferreira⁹

DOI: 10.54899/dcs.v23i94.6978

Recibido: 07/08/2026 | **Aceptado:** 02/09/2026 | **Publicación en línea:** 09/09/2026.

RESUMO

O presente artigo investiga as contribuições da neurociência cognitiva e da tecnologia assistiva para a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando as demandas do ambiente educacional contemporâneo. O objetivo geral consiste em compreender de que maneira os aportes neurocientíficos e os recursos tecnológicos favorecem práticas pedagógicas mediadas e acessíveis a esse público, ao passo que os objetivos específicos abrangem a análise da mediação tecnológica, das práticas inclusivas e da formação docente. No plano metodológico, adota-se a Pesquisa Bibliográfica, com levantamento e análise crítica de produções científicas recentes acerca de neurociência, educação inclusiva e mediação tecnológica, organizadas em eixos temáticos. O percurso investigativo mostra que a convergência entre conhecimento neurocientífico e ferramentas assistivas amplia as possibilidades de participação, de comunicação e de aprendizagem dos estudantes com TEA, desde que acompanhada de

¹ Mestra em Tecnologias Emergentes na Educação pela Must University, Deerfield Beach, Florida, Estados Unidos. E-mail: silvanaviana11@yahoo.com.br

² Mestra em Tecnologias Emergentes na Educação pela Must University, Deerfield Beach, Florida, Estados Unidos. E-mail: anacarolina.scv@gmail.com

³ Doutorando em Ciências da Educação pela Christian Business School, Paris, Île-de-France, França. E-mail: jones.pereira.oliveira@gmail.com

⁴ Mestra em Ciências Contábeis e Administração pela Faculdade Fucape, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: julyboning.prof@gmail.com

⁵ Mestra em Tecnologias Emergentes na Educação pela Must University, Deerfield Beach, Florida, Estados Unidos. E-mail: maria.fernandes@seduc.go.gov.br

⁶ Pós-graduada em Educação Especial com Ênfase em Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD) e Altas Habilidades pela Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal, Jaboticabal, São Paulo, Brasil. E-mail: maria21representante@gmail.com

⁷ Doutoranda em Ciências da Educação pela Christian Business School, Paris, Île-de-France, França. E-mail: monique.silva1@professor.pb.gov.br

⁸ Mestre em Educação Inclusiva - PROFEI pela Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: patric-devyd@hotmail.com

⁹ Pós-graduada em Alfabetização pela Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: simonepaulista@yahoo.com.br

formação docente adequada e de planejamento pedagógico intencional. Infere-se que a integração desses campos constitui caminho promissor para a construção de uma escola de fato inclusiva, na qual a diversidade neurocognitiva seja acolhida como potência pedagógica e a tecnologia atue como mediação, e não como fim em si mesma.

Palavras-chave: Formação Docente. Inclusão Escolar. Neurociência. Tecnologia Assistiva. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

This article investigates the contributions of cognitive neuroscience and assistive technology to the school inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD), considering the demands of the contemporary educational environment. The general objective consists of understanding how neuroscientific contributions and technological resources favor mediated and accessible pedagogical practices for this audience, whereas the specific objectives encompass the analysis of technological mediation, inclusive practices, and teacher training. At the methodological level, Bibliographic Research is adopted, with a survey and critical analysis of recent scientific productions on neuroscience, inclusive education, and technological mediation, organized into thematic axes. The investigative path shows that the convergence between neuroscientific knowledge and assistive tools expands the possibilities of participation, communication, and *learning* for students with ASD, provided it is accompanied by adequate teacher training and intentional pedagogical planning. It is inferred that the integration of these fields constitutes a promising path toward building a truly inclusive school, in which neurocognitive diversity is welcomed as pedagogical potential and technology acts as mediation, not as an end in itself.

Keywords: Assistive Technology. Autism Spectrum Disorder. Neuroscience. School Inclusion. Teacher Training.

RESUMEN

El presente artículo analiza las aportaciones de la neurociencia cognitiva y la tecnología de apoyo a la inclusión escolar de los alumnos con trastorno del espectro autista (TEA), teniendo en cuenta las exigencias del entorno educativo actual. El objetivo general consiste en comprender de qué manera los aportes neurocientíficos y los recursos tecnológicos favorecen prácticas pedagógicas mediadas y accesibles para este colectivo, mientras que los objetivos específicos abarcan el análisis de la mediación tecnológica, las prácticas inclusivas y la formación del profesorado. En el plano metodológico, se adopta la investigación bibliográfica, con una recopilación y un análisis crítico de publicaciones científicas recientes sobre neurociencia, educación inclusiva y mediación tecnológica, organizadas en ejes temáticos. El recorrido investigativo muestra que la convergencia entre el conocimiento neurocientífico y las herramientas de apoyo amplía las posibilidades de participación, comunicación y aprendizaje de los alumnos con TEA, siempre que vaya acompañada de una formación docente adecuada y una planificación pedagógica intencional. Se deduce que la integración de estos campos constituye una vía prometedora para la construcción de una escuela verdaderamente inclusiva, en la que la diversidad neurocognitiva se acoja como un potencial pedagógico y la tecnología actúe como mediación, y no como un fin en sí misma.

Palabras clave: Formación del Profesorado. Inclusión Escolar. Neurociencia. Tecnología de Apoyo. Trastorno del Espectro Autista.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) mobiliza transformações profundas nas concepções de ensino e de aprendizagem, exigindo que as instituições educacionais reconsiderem as estruturas curriculares e metodológicas. A neurociência cognitiva oferece subsídios relevantes para compreender os processos perceptivos, atencionais e comunicacionais que caracterizam esse público, ao mesmo tempo que a tecnologia assistiva se apresenta como recurso capaz de ampliar a participação desses alunos. Nessa perspectiva, o ambiente educacional contemporâneo precisa articular saberes científicos e ferramentas digitais para responder às particularidades do desenvolvimento neuroatípico.

Nessa direção, Espendor *et al.* (2025) sustentam que a interseção entre neurociência cognitiva e tecnologia abre caminhos consistentes para a inclusão de alunos com TEA, embora a operacionalização desses aportes ainda enfrente obstáculos nas escolas. Entretanto, persiste uma lacuna entre o avanço dos conhecimentos científicos e a efetiva incorporação dessas descobertas no cotidiano pedagógico, sobretudo em contextos marcados por escassez de recursos e de formação específica. Diante disso, impõe-se indagar como a mediação tecnológica pode ser mobilizada de modo a responder às necessidades cognitivas e comunicacionais desses estudantes.

Sob esse prisma, a pertinência desta investigação ancora-se na necessidade de superar abordagens homogêneas que desconsideram a singularidade neurocognitiva dos estudantes com TEA, uma vez que a escola inclusiva demanda respostas diversificadas e contextualizadas. Mendes *et al.* (2024) acrescentam que a interseção entre neurociência, educação e tecnologia oferece fundamentos para redesenhar práticas pedagógicas, ainda que a aplicação desses fundamentos dependa de condições institucionais favoráveis. A relevância social do tema decorre, portanto, da urgência em qualificar o atendimento educacional e em assegurar trajetórias de aprendizagem equitativas e duradouras.

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar as contribuições da neurociência cognitiva e da tecnologia assistiva para a inclusão de alunos com TEA no

ambiente educacional. De igual modo, delineiam-se objetivos específicos voltados à compreensão dos processos cognitivos implicados no transtorno, à identificação de recursos assistivos aplicáveis ao contexto escolar e à discussão das condições formativas necessárias à mediação tecnológica. Paralelamente, Souza (2026) observa que a neurodiversidade na era digital requer práticas pedagógicas sensíveis às diferenças, o que reforça a pertinência dos propósitos aqui estabelecidos.

Para alcançar os objetivos propostos, adota-se a Pesquisa Bibliográfica como percurso metodológico, fundamentada na sistematização e na análise crítica de fontes científicas pertinentes ao tema. Andrade (2020) esclarece que esse tipo de investigação possibilita a construção de um quadro teórico consistente a partir do diálogo com produções consolidadas, enquanto Araújo (2021) pondera que a reflexão epistemológica confere sustentação à interpretação dos dados levantados. Nesse sentido, o *corpus* foi organizado em torno de eixos temáticos, permitindo articular os aportes neurocientíficos às discussões sobre mediação tecnológica e inclusão.

Estruturalmente, o texto encontra-se organizado em seções que percorrem, de forma articulada, os principais eixos da discussão proposta. A segunda seção aborda os fundamentos neurocientíficos dos processos de aprendizagem no TEA, enquanto os subtítulos subsequentes examinam a tecnologia assistiva como mediação pedagógica, as práticas inclusivas mediadas por recursos digitais e as exigências formativas da docência. Ao término do percurso, as considerações finais retomam os objetivos e sintetizam os achados, de modo a destacar as implicações práticas da convergência entre conhecimento neurocientífico e mediação tecnológica para a construção de uma escola acessível.

NEUROCIÊNCIA COGNITIVA E PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NO TEA

A compreensão dos processos de aprendizagem no Transtorno do Espectro Autista demanda um olhar atento às bases neurobiológicas que sustentam o funcionamento cognitivo desses estudantes, bem como às implicações dessas particularidades para a organização do ensino. O conhecimento acerca das dimensões perceptivas, atencionais e de processamento de informações permite redimensionar as estratégias didáticas, evitando generalizações que obscurecem a heterogeneidade do espectro e que reduzem a diversidade a padrões uniformes.

Sob esse prisma, a neurociência cognitiva contribui para que o planejamento pedagógico parta das potencialidades e das especificidades de cada sujeito, orientando intervenções adequadas.

Nessa direção, Espendor *et al.* (2025) sustentam que a neurociência cognitiva e a tecnologia convergem para favorecer a inclusão de alunos com TEA, na medida em que oferecem aportes para compreender e intervir sobre as especificidades do espectro. Os autores destacam que a mediação tecnológica, quando ancorada em fundamentos neurocientíficos, amplia as oportunidades de participação e de expressão desses estudantes no cotidiano escolar. Tal perspectiva reforça a relevância de aproximar os avanços científicos das decisões pedagógicas, superando o distanciamento entre teoria e prática.

Sob esse prisma, Mendes *et al.* (2024) acrescentam que a interseção entre neurociência, educação e tecnologia oferece fundamentos para redesenhar o trabalho docente, ainda que a efetivação desses princípios dependa de condições institucionais e de investimento formativo. A articulação desses campos permite compreender que o desenvolvimento cognitivo dos estudantes com TEA não se reduz a déficits, mas envolve modos singulares de processar e organizar a experiência. Consequentemente, a escola precisa assumir uma postura investigativa, disposta a ajustar as práticas com base no conhecimento disponível e nas respostas observadas.

De igual modo, Souza (2026) observa que a neurodiversidade na era digital exige a construção de práticas pedagógicas sensíveis às diferenças, apontando a neurociência como referência para fundamentar intervenções inclusivas. O autor argumenta que a compreensão dos processos cognitivos subjacentes ao TEA possibilita desenhar estratégias adequadas às necessidades de cada estudante, evitando abordagens padronizadas. Nessa linha de raciocínio, a formação docente assume relevância decisiva para que os conhecimentos científicos se convertam em ações concretas no ambiente escolar.

Diante do exposto, a articulação entre neurociência cognitiva e tecnologia assistiva não se limita à incorporação de dispositivos, mas pressupõe uma ressignificação das concepções de ensino e de aprendizagem. A mediação tecnológica, nessa perspectiva, deve estar subordinada a finalidades pedagógicas claras, orientadas pela singularidade dos sujeitos e pelas demandas do contexto escolar. Sob esse prisma, os próximos tópicos aprofundam a análise da tecnologia assistiva como recurso de mediação, das práticas inclusivas e das condições formativas da docência.

Tecnologia Assistiva como Mediação Pedagógica

A tecnologia assistiva, compreendida como conjunto de recursos e serviços voltados à ampliação da funcionalidade de pessoas com deficiência, constitui recurso relevante na mediação pedagógica de alunos com TEA. A aplicação desses dispositivos no contexto escolar possibilita superar barreiras de comunicação, de interação e de acesso ao conhecimento, favorecendo a participação ativa dos estudantes nas atividades propostas. Nessa perspectiva, a seleção e o uso dessas ferramentas exigem planejamento intencional e conhecimento das necessidades específicas de cada sujeito.

Nessa vertente, Santos e Hora (2025) analisam as políticas públicas de difusão e de uso da tecnologia assistiva na educação básica, destacando a necessidade de ampliar o acesso e de qualificar a implementação desses recursos. Os autores ressaltam que a mera disponibilização de dispositivos não assegura a inclusão, sendo indispensável o acompanhamento pedagógico e a adequação às realidades locais. Tal constatação reforça a relevância de políticas articuladas entre formação, infraestrutura e prática docente.

Sob esse prisma, Silva e Flores (2021) refletem sobre o uso e a aplicabilidade da tecnologia assistiva na educação matemática, destacando as potencialidades desses recursos para estudantes com deficiência. Os autores chamam atenção para a necessidade de uma abordagem crítica, que considere as condições de acesso e as especificidades de cada contexto de ensino. Desse modo, a mediação tecnológica se mostra tanto eficaz quanto integrada às finalidades pedagógicas e às características dos alunos.

De igual modo, Costa, Picharillo e Elias (2022) investigam o uso da tecnologia assistiva em aulas de matemática para estudantes com deficiência visual, destacando ganhos expressivos na participação e na aprendizagem. Os autores salientam que a adequação dos recursos às demandas específicas de cada aluno potencializa os resultados, ao mesmo tempo que exige conhecimento técnico e pedagógico do professor. Nessa direção, a experiência corrobora a pertinência de integrar a tecnologia assistiva ao planejamento das atividades curriculares.

Paralelamente, Fernandes *et al.* (2020) argumentam o uso da tecnologia na educação como ferramenta para a inclusão de alunos com deficiência, sublinhando a relevância de uma mediação pedagógica qualificada. Os autores ponderam que a tecnologia, por si só, não garante a inclusão, sendo decisiva a forma como o professor a incorpora às práticas de ensino. Tal

entendimento orienta a necessidade de investir na formação docente e na construção de ambientes educacionais verdadeiramente acessíveis.

Em síntese, a tecnologia assistiva se configura como mediação capaz de ampliar as possibilidades de aprendizagem e de participação dos alunos com TEA, desde que articulada a finalidades pedagógicas consistentes. A eficácia desses recursos depende, portanto, da convergência entre conhecimento técnico, sensibilidade às diferenças e condições institucionais adequadas. Nessa perspectiva, o tópico seguinte examina as práticas pedagógicas inclusivas mediadas por tecnologias digitais no cotidiano escolar.

Práticas Pedagógicas Inclusivas Mediadas por Tecnologias Digitais

As práticas pedagógicas inclusivas mediadas por tecnologias digitais pressupõem a reorganização do trabalho docente em torno das necessidades e das potencialidades de cada estudante. A incorporação de recursos digitais ao cotidiano escolar amplia as formas de apresentação do conteúdo e de expressão dos alunos, favorecendo a participação daqueles que apresentam modos singulares de aprendizagem. Nessa perspectiva, a mediação tecnológica deve estar a serviço da equidade, e não da padronização das experiências educativas.

Sob essa perspectiva, Moraes, Santos e Menezes (2025) argumentam a educação para todos e a promoção da acessibilidade escolar por meio das tecnologias digitais, ressaltando o potencial dessas ferramentas para reduzir barreiras. Os autores defendem que a acessibilidade não se restringe à dimensão física, abrangendo também as dimensões comunicacional, pedagógica e atitudinal do ambiente escolar. Tal entendimento amplia o alcance das práticas inclusivas, exigindo atenção às múltiplas formas de exclusão que atravessam o cotidiano educativo.

Nessa direção, Santos e Pereira (2024) exploram o uso da tecnologia na comunicação alternativa para pessoas com paralisia cerebral, destacando a contribuição da inteligência artificial na ampliação da expressão e da interação. Embora o foco dos autores recaia sobre outra condição, as reflexões apresentadas iluminam a compreensão da comunicação aumentativa e alternativa aplicável a alunos com TEA. A experiência relatada reforça a relevância de recursos personalizados e de acompanhamento especializado na mediação tecnológica.

De igual modo, Souza (2026) reitera que a neurodiversidade na era digital demanda práticas pedagógicas sensíveis às diferenças, associando a neurociência à construção de

estratégias inclusivas. O autor enfatiza que a personalização do ensino, apoiada em recursos tecnológicos, favorece a participação de estudantes com TEA e valoriza suas formas singulares de aprender. Nessa linha de raciocínio, a mediação digital se apresenta como oportunidade para redimensionar o currículo e as interações em sala de aula.

Diante disso, as práticas pedagógicas inclusivas mediadas por tecnologias digitais dependem de uma articulação cuidadosa entre recursos, finalidades e conhecimentos docentes. A tecnologia, nesse quadro, não substitui a mediação humana, mas a potencializa, desde que empregada com intencionalidade e sensibilidade às diferenças. Sob esse prisma, o próximo tópico aborda a formação docente e a cultura digital como condições para a efetivação dessas práticas.

Formação Docente e Cultura Digital na Educação Inclusiva

A formação docente constitui condição indispensável para que a neurociência e a tecnologia assistiva se convertam em práticas pedagógicas efetivas no contexto da educação inclusiva. O domínio dos fundamentos neurocientíficos e das potencialidades dos recursos digitais capacita o professor a planejar intervenções adequadas às especificidades dos alunos com TEA. Nessa perspectiva, a cultura digital exige do docente uma postura de atualização contínua e de reflexão crítica sobre o uso das tecnologias.

Sob esse prisma, Mendes *et al.* (2024) salientam que a formação de professores deve contemplar a interseção entre neurociência, educação e tecnologia, preparando os docentes para atuar com a diversidade. Os autores defendem que o conhecimento neurocientífico, aliado ao domínio técnico dos recursos, amplia a capacidade do professor de responder às demandas específicas dos estudantes. Tal perspectiva reforça a necessidade de programas formativos que articulem teoria, prática e vivência inclusiva.

Paralelamente, Moraes, Santos e Menezes (2025) acrescentam que a acessibilidade escolar depende de professores preparados para mobilizar as tecnologias digitais em favor da inclusão. Os autores sublinham que a formação continuada se mostra estratégica para superar resistências e para consolidar uma cultura escolar acolhedora. Desse modo, investir na qualificação docente significa investir na construção de ambientes educacionais de fato equitativos.

Nessa vertente, Fernandes *et al.* (2020) reforçam a relevância da mediação pedagógica qualificada para a inclusão de alunos com deficiência por meio da tecnologia. Os autores argumentam que a formação docente precisa ir além do manejo técnico, contemplando a compreensão das necessidades educacionais e das potencialidades de cada estudante. Tal posicionamento orienta a construção de programas formativos comprometidos com a equidade e com a valorização da diversidade.

De igual modo, Espendor *et al.* (2025) associam a formação docente à efetivação da inclusão de alunos com TEA, destacando a necessidade de integrar saberes neurocientíficos e tecnológicos. Os autores ressaltam que a preparação do professor influencia a qualidade da mediação e o êxito das práticas inclusivas no ambiente escolar. Nessa direção, a cultura digital impõe novos desafios e novas possibilidades à atuação docente.

Em face do exposto, a formação docente e a cultura digital se entrelaçam na construção de uma educação inclusiva ancorada na neurociência e na tecnologia assistiva. A superação das barreiras à inclusão depende, portanto, de professores capazes de articular conhecimentos científicos, recursos tecnológicos e sensibilidade às diferenças. Sob esse prisma, as considerações finais retomam os objetivos e sintetizam as principais contribuições do percurso investigativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso investigativo permitiu compreender que a neurociência cognitiva e a tecnologia assistiva oferecem contribuições relevantes para a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista, desde que articuladas a finalidades pedagógicas consistentes. A análise das produções científicas mostrou que a mediação tecnológica amplia as possibilidades de participação, de comunicação e de aprendizagem desses estudantes, ao mesmo tempo que exige formação docente adequada e planejamento intencional. Nessa perspectiva, a convergência entre saberes científicos e recursos digitais se apresenta como caminho promissor para a construção de uma escola equitativa e acolhedora.

Diante do exposto, infere-se que a efetivação da inclusão de alunos com TEA no ambiente educacional demanda a superação de abordagens homogêneas e a valorização da diversidade neurocognitiva como potência pedagógica. A tecnologia assistiva, nesse quadro, deve ser compreendida como mediação a serviço da equidade, e não como fim em si mesma, o que reforça a relevância da formação docente e da cultura digital. Espera-se que as reflexões aqui

sistematizadas contribuam para qualificar o debate e para orientar futuras investigações sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- Andrade, M. M. de. (2020). *Introdução à metodologia do trabalho científico*. Atlas.
- Araújo, I. L. (2021). *Introdução à filosofia da ciência*. UFPR.
- Costa, A. B. da, Picharillo, A. D. M., & Elias, N. C. (2022). Uso da tecnologia assistiva em aulas de matemática para estudantes com deficiência visual. In *A educação na contemporaneidade: Desafios pedagógicos e tecnológicos* (pp. 342–356). Editora Amplla. <https://doi.org/10.51859/amplla.ecd2104-25>
- Esprendor, A., Teixeira, E. C., & Sampaio, R. S. da C. (2025). Neurociência cognitiva e tecnologia: Caminhos para a inclusão de alunos com TEA no ambiente educacional. In *Pesquisas contemporâneas na educação moderna* (Vol. 8, pp. 68–79). MultiAtual. <https://doi.org/10.29327/5529856.1-6>
- Fernandes, C. R. de F., Freitas, D. L. R. de, Silva, V. L. da, Silva, E. M. de Q., Silva, V. B. da, & Silva, M. V. da. (2020). O uso da tecnologia na educação como ferramenta para a inclusão de alunos com deficiência. In *Amplamente: Educação para a vida* (pp. 381–390). Amplamente Cursos e Formação Continuada. <https://doi.org/10.47538/ac-2020.10-34>
- Mendes, A. D., Silva, B. H. F. da, Souza, E. G. de, Araujo, J. R., Reis, R. G. dos, Silva, R. G. da, & Fermin, T. de S. (2024). Neurociência: Interseção entre neurociência, educação e tecnologia. In *Inovação tecnológica na educação: Gestão, formação de professores e inclusão*. EBPCA – Editora Brasileira de Publicação Científica Aluz. <https://doi.org/10.51473/ed.al.itn12>
- Moraes, G. M. de, Santos, J. P. dos, & Menezes, E. S. (2025). A educação para todos: O papel das tecnologias digitais na promoção da acessibilidade escolar. In *Currículo, inclusão e tecnologia: Transformações na educação contemporânea*. EBPCA – Editora Brasileira de Publicação Científica Aluz. <https://doi.org/10.51473/ed.al.cit2>
- Santos, B. G. dos, & Pereira, E. dos S. (2024). Tecnologia na comunicação alternativa para paralisia cerebral: O papel da inteligência artificial. In *Anais do I Workshop de Informática na Educação Inclusiva (WIEI 2024)* (pp. 1–10). Sociedade Brasileira de Computação. <https://doi.org/10.5753/wiei.2024.245234>
- Santos, S. do E. S., & Hora, G. S. da. (2025). Políticas públicas, difusão e uso da tecnologia assistiva na educação básica. In *A educação na formação de ideais* (pp. 275–281). Atena Editora. <https://doi.org/10.22533/at.ed.54525040423>
- Silva, M. I. V. da, & Flores, A. S. (2021). Um olhar reflexivo para o uso e aplicabilidade da tecnologia assistiva na educação matemática. *TICs & EaD em Foco*, 6(2). <https://doi.org/10.18817/tics.v6i2.501>

Souza, T. de L. (2026). Neurodiversidade na era digital: Contribuições da neurociência para a construção de práticas pedagógicas inclusivas. In *Anais do Congresso Nacional de Professores: Educação, Tecnologia & Formação de professores*. Even3. <https://doi.org/10.29327/9786527224617.1478625>